



Conhecimentos dos professores do ensino regular sobre a Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção

Carla Sofia Rodrigues

Professora de Educação Especial, Região Autónoma da Madeira

Resumo

Introdução: A Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção (PHDA) é uma perturbação neurocomportamental que se caracteriza pela hiperatividade, impulsividade e défice de atenção, e que afeta principalmente crianças em idade escolar. O objetivo deste estudo é aferir se os professores do ensino regular estão dotados de estratégias de intervenção adequadas para lidarem com os comportamentos disruptivos dos alunos com PHDA.

Métodos: O estudo decorreu em duas escolas secundárias da ilha da Madeira (Portugal), uma numa zona mais rural da ilha e outra localizada no centro da cidade do Funchal. A obtenção de dados foi feita pela aplicação de um questionário, a um total de 193 professores.

Resultados: Verificou-se que os professores inquiridos aplicam medidas de intervenção adequadas para lidarem com os comportamentos dos alunos com PHDA em 78% das vezes, principalmente os que têm mais tempo de serviço. No entanto, consideram ser fundamental a formação de professores sobre PHDA.

Conclusões: Na generalidade, os professores sabem como agir perante os comportamentos disruptivos dos alunos com PHDA, sendo a experiência de ensino um fator importante no momento de escolher as melhores estratégias de intervenção. A obtenção de formação foi considerada necessária como veículo para a melhoria da prática educativa junto de alunos com PHDA.

Palavras-chave: PHDA, comportamentos disruptivos, estratégias de intervenção, professores.

Acta Pediatr Port 2013;44(4):161-6

Teachers' knowledge on Attention Deficit Hyperactivity Disorder

Abstract

Introduction: Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is a neurobehavioral disorder, characterized by hyperactivity, impulsiveness and attention deficit, affecting mostly all children in school age. The objective is to assess if teachers of regular education know correct intervention strategies to deal with ADHD students' disruptive behaviours.

Methods: The study took place in two high schools in Madeira (Portugal), one situated in the country and the other one located downtown Funchal. Data were obtained by the submission of a questionnaire to a total of 193 teachers.

Results: The inquired teachers use adequate intervention strategies to deal with the ADHD students behaviours' in 78 % of the times, especially those who have a longer career as a teacher. Although, they considered essential teachers' formation on ADHD.

Conclusion: In general, teachers know how to act towards ADHD students' disruptive behaviours, emphasizing teaching experience as an important factor on the moment of choosing the best intervention strategies. The achieving of formation has been considered needful to improve educational practice with ADHD students.

Key words: ADHD, disruptive behaviours, intervention strategies, teachers.

Acta Pediatr Port 2013;44(4):161-6

Recebido: 03.09.2013

Aceite: 08.10.2013

Correspondência:

Carla Rodrigues
csslbg@hotmail.com

Introdução

A Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção (PHDA) é uma perturbação neurocomportamental¹ que se caracteriza pela hiperatividade, impulsividade e défice de atenção. Manifesta-se desde tenra idade, afetando entre 3% a 7% das crianças e jovens^{1,2} sobretudo em idade escolar, e mantém-se na idade adulta. Como consequência, tem repercussões na escolaridade, na capacidade de aprendizagem, no relacionamento social e no cumprimento de regras e normas sociais², gerando sentimentos de baixa autoestima e frustração³.

O diagnóstico da PHDA é geralmente difícil de se fazer por existirem três subtipos da perturbação, não existir nenhum marcador biológico^{3,4} e por, muitas vezes, lhe estarem associadas comorbilidades³⁻⁵.

O principal mecanismo patofisiológico parece ser um desequilíbrio de certos neurotransmissores nos lobos frontais do cérebro, principalmente no córtex pré-frontal^{1,6-9}, pelo que o tratamento passa pelo recurso a fármacos e a estratégias de intervenção que visam a modificação comportamental, sobretudo na escola, com a utilização de estratégias de intervenção adequadas a cada criança¹⁰⁻¹⁵.

O objetivo deste estudo é aferir quais os conhecimentos que os professores do ensino regular das escolas básicas e secundárias da Madeira têm sobre PHDA e se utilizam estratégias de intervenção adequadas, que visem a alteração de comportamentos e a promoção da autoestima dos alunos com esta perturbação. Para esse efeito foram estudadas duas escolas da ilha da Madeira, onde havia alunos com PHDA¹⁶.

Metodologia

As escolas estudadas situam-se na ilha da Madeira (Região Autónoma da Madeira), sendo as duas do ensino básico e secundário. O estudo decorreu, numa primeira fase, na escola situada numa zona mais rural da ilha, entre outubro e dezembro de 2009 e depois na outra escola, situada na cidade do Funchal, entre outubro e dezembro de 2012.

A recolha de dados foi feita através da aplicação de um questionário quantitativo, de autoria própria, construído com base na revisão e pesquisa bibliográfica, pré-testado e posteriormente aplicado no grupo.^{16,17} O questionário foi aplicado por administração direta, tendo sido recolhidos 193 questionários entre as duas escolas.

O questionário era constituído por catorze perguntas de resposta fechada e uma escala de Likert de cinco postos e foi construído com base nos critérios de diagnóstico da PHDA e das estratégias de intervenção usadas na escola^{4,10}. Para cada pergunta, onde eram apresentados os comportamentos típicos dos alunos com PHDA em diversos contextos da sala de aula, eram apresentadas diferentes estratégias de intervenção, umas adequadas e outras desadequadas (Quadro V).

Após a entrega do questionário e sua subsequente recolha, os dados foram contabilizados com recurso aos programas Excel® (Microsoft, EUA) e SPSS® (Statistical Package for

the Social Sciences, IBM, EUA). Através do programa SPSS, utilizou-se o teste T-student, com um grau de significância de 95%, de forma a comparar as médias das respostas obtidas nas duas escolas e a verificar se a tendência de resposta em cada uma das escolas, se era a mesma ou se era diferente¹⁶.

Resultados

Tendo-se obtido uma amostra de 193 respostas, após a contagem dos dados, constatou-se que 75,6% dos professores inquiridos (representando 146 inquiridos) eram do sexo feminino e 24,4% (representando 47 inquiridos) do sexo masculino, com idades compreendidas maioritariamente entre os 30 e os 39 anos de idade (Quadro I). Relativamente aos anos de serviço, verificou-se que a maioria dos inquiridos (38,9%) tinha entre 11-20 anos de serviço.

Quadro I. Caracterização dos professores pela idade

	Frequência	Porcentagem	
Respostas	20-29	7	3,6
	30-39	76	39,4
	40-49	66	34,2
	50-59	40	20,7
	60 ou +	3	1,6
	Total	192	99,5
S/ Resposta	1	,5	
Total	193	100,0	

Da comparação dos resultados obtidos nas duas escolas, verificou-se na análise das estratégias de intervenção referidas entre as perguntas 1 e 9, que os professores do ensino regular identificaram 78% das medidas de intervenção adequadas para lidarem com os comportamentos dos alunos com PHDA¹⁶.

Destaca-se, ainda, o resultado obtido na pergunta 11 do questionário, em que se indagava os professores sobre a necessidade de terem formação específica sobre PHDA, tendo-se verificado que foi aceite a hipótese 3: “Formação que os professores do ensino regular necessitam de ter para lidar com alunos com PHDA” (quadro IV), com $t=0,087 < 0,05$ (escola 1) e $t=0,094 < 0,05$ (escola 2). Esta atitude dos professores revela uma preocupação no apetrechamento das suas qualificações, de forma a estarem preparados para darem uma resposta mais ativa e assertiva¹²⁻¹⁴.

De destacar que a estratégia “Mandá-lo sair da sala de aula com falta disciplinar” na pergunta 4 (Quadro II) foi rejeitada como sendo negativa, pelos professores de ambas as escolas, com $t=0,040 < 0,05$, enquanto nas restantes repostas o resultado foi $t \geq 0,05$.

Podemos, então concluir que, os professores encaram os comportamentos dos alunos com PHDA como desafiantes e perturbadores do ambiente da sala de aula, considerando que uma atitude punitiva, como a falta disciplinar e a expulsão da sala, pode corrigir comportamentos menos corretos.

Quadro II. Análise dos resultados da pergunta 4 do questionário

Pergunta 4- Quando o aluno com PHDA tem atitudes (verbais e físicas) menos corretas, devo:	média	teste T-Student- escola 1	teste T-Student- escola 2	conclusões
Repreendê-lo.	3,6	0,104	0,091	Esta estratégia foi considerada positiva pelos professores de ambas as escolas. Foi rejeitada a hipótese pelos professores de ambas as escolas que esta estratégia seja negativa.
Mandá-lo sair da sala de aula com falta disciplinar.	2,43	0,040	0,040	Esta estratégia foi considerada positiva pelos professores de ambas as escolas.
Explicar ao aluno as consequências dos seus atos.	4,38	0,993	0,993	Esta estratégia foi considerada positiva pelos professores de ambas as escolas.
Relembrar as regras da sala de aula.	4,24	0,172	0,145	Esta estratégia foi considerada positiva pelos professores de ambas as escolas.
Elogiar os comportamentos adequados, sempre que os tem, para desincentivar os menos adequados.	4,43	0,413	0,419	Esta estratégia foi considerada positiva pelos professores de ambas as escolas.
Não faço nada. Ignoro as suas palavras e atitudes.	1,31	0,348	0,316	Esta estratégia foi considerada negativa pelos professores de ambas as escolas.

Esta atitude é explicada pela falta de formação que os professores têm sobre PHDA e que afirmam ser uma necessidade.

Relativamente à estratégia “Ser compreensiva/o e deixá-lo juntar-se a um colega” (quadro III) na pergunta 9, esta foi rejeitada como sendo positiva, pelos professores de ambas as escolas, com $t=0,006 < 0,05$.

Quadro III. Análise dos resultados da pergunta 9 do questionário

Pergunta 9- Quando o aluno com PHDA não traz o material escolar e o manual, alegando que os perdeu, devo:	média	teste T-Student- escola 1	teste T-Student- escola 2	conclusões
Ser compreensiva/o e deixá-lo juntar-se a um colega.	3,23	0,006	0,006	Foi rejeitada a hipótese, pelos professores de ambas as escolas, que esta estratégia seja positiva.
Repreendê-lo e marcar-lhe a falta de material.	2,77	0,402	0,388	Esta estratégia foi considerada negativa pelos professores de ambas as escolas.
Pedir aos colegas da turma para lhe emprestarem o material em falta.	3,12	0,069	0,073	Esta estratégia foi considerada positiva pelos professores de ambas as escolas.
Nenhuma atitude que eu possa ter mudará as suas atitudes.	1,34	0,647	0,630	Esta estratégia foi considerada negativa pelos professores de ambas as escolas.

Quadro IV. Análise dos resultados da pergunta 11 do questionário

Pergunta 11-Todos os professores deveriam ter formação para estarem preparados para lidar com esta problemática.	média	teste T-Student- escola 1	teste T-Student- escola 2	conclusão
	4,47	0,087	0,094	Foi aceite a hipótese, pelos professores de ambas as escolas, que todos os professores deviam de ter formação para lidar com alunos com PHDA.

Pode assim concluir-se que, não existe uma tendência positiva muito clara em considerar esta estratégia como adequada, uma vez que permitir que o aluno com PHDA não traga o material e se junte com um colega, pode criar sentimentos de injustiça em relação à restante turma.

Constatou-se que o corpo docente da escola 1 (escola localizada na cidade do Funchal) revelou ser mais preocupado com o sucesso e o bem-estar dos seus alunos, escolhendo mais vezes as respostas adequadas à correção dos comportamentos disruptivos dos alunos com PHDA, apesar de este ser mais envelhecido e com mais anos de serviço, o que indica que a experiência e a idade mais avançada são fatores de ponderação e de escolhas mais corretas. Por outro lado, o corpo docente da escola 2 (escola

situada numa zona mais rural da ilha), apesar de ser mais renovado e dos professores terem menos anos de serviço, deu maior número de respostas desadequadas para corrigir os comportamentos dos alunos com PHDA. Concluiu-se, deste modo, que os professores da escola 1 estavam mais bem preparados para lidarem com os comportamentos dos alunos com PHDA.

Discussão

Após a análise dos resultados obtidos constatou-se que os professores do ensino regular estão preparados para lidarem com os comportamentos dos alunos com PHDA na maioria das vezes, apesar de muitas vezes trabalharem em condições desadequadas e com uma turma heterogénea, onde cada aluno tem necessidades diferentes, sendo-lhes pedido que saibam atuar perante cada caso, frequentemente sem terem formação adequada para tal¹².

O principal objetivo deste estudo era o de verificar até que ponto estariam os professores do ensino regular aptos para modificarem os comportamentos dos alunos com PHDA integrados nas suas turmas, de forma a criar um ambiente mais calmo e profícuo na sala de aula, através da utilização de estratégias de intervenção eficazes.

Uma das principais limitações a este estudo foi a impossibilidade de aplicar o questionário num período temporal mais extenso, o que permitiria obter um maior número de respostas e estudar mais escolas da ilha. Encontraram-se, igualmente, alguns entraves na colaboração dos professores, especialmente no que diz respeito a exporem a sua falta de prática/conhecimentos sobre como lidar com estes alunos.

De um modo geral, os resultados, obtidos da comparação das duas escolas, revelaram-se positivos e promissores. Reitera-se, no entanto, que seria muito interessante alargar este estudo a todas as escolas da ilha da Madeira e de Portugal Continental, de forma a aferir se os professores portugueses do ensino regular estão preparados para a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, nomeadamente de alunos com PHDA¹⁸⁻²⁰.

Conclusões

Perante os resultados obtidos nesta investigação, concluiu-se que os professores, de uma forma geral, estão preparados para intervir junto de alunos com PHDA e utilizam as estratégias de intervenção corretas para modificar os seus comportamentos através da sua experiência de ensino.

Observou-se, igualmente, que procuram formação sobre esta perturbação de forma a melhor atuar na modificação dos comportamentos disruptivos dos alunos com PHDA, na melhoria da sua autoestima e na promoção do seu sucesso.

Quadro V. Questionário

1. **Género:** Masculino _____ Feminino _____
 2. **Idade:** 20-29 _____ 30-39 _____ 40-49 _____ 50-59 _____ +60 _____
 3. **Anos de serviço:** 0-10 _____ 11-20 _____ 21-30 _____ 31-35 _____
 4. **Nível de Ensino:** 2º Ciclo _____ 3º Ciclo _____ Secundário _____
 5. **Já teve alunos com Hiperatividade (PHDA) nas suas turmas?** Sim _____ Não _____

Pretendemos auscultar a sua opinião relativamente a cada uma das afirmações. Assim, solicitamos que assinale com uma cruz (X) o quadrado que considerar mais adequado, de acordo com a escala:

1 - Discordo totalmente 2 – Discordo em parte 3 - Não concordo nem discordo 4- Concordo parcialmente 5- Concordo Totalmente

		1	2	3	4	5
1	Quando o aluno com PHDA mostra ter dificuldades em terminar um trabalho/tarefa, devo:					
	<input type="radio"/> Sentá-lo ao lado de um colega mais esperto que o incentive.					
	<input type="radio"/> Ajudar o aluno de forma individual.					
	<input type="radio"/> Dividir o trabalho em partes mais pequenas.					
	<input type="radio"/> Reduzir a quantidade de TPC nesse dia.					
	<input type="radio"/> Repreender o aluno.					
	<input type="radio"/> A minha ação é irrelevante.					
2	Quando o aluno com PHDA interrompe as atividades que estão a decorrer na sala de aula, devo:					
	<input type="radio"/> Repreendê-lo.					
	<input type="radio"/> Relembrar ao aluno as regras da sala.					
	<input type="radio"/> Ensiná-lo que deve levantar a mão quando pretende falar.					
	<input type="radio"/> Negociar com o aluno uma recompensa, se tiver um bom comportamento.					
	<input type="radio"/> Nada do que eu faça pode ter alguma influência.					
3	Quando o aluno com PHDA não obedece às regras da sala de aula, devo:					
	<input type="radio"/> Mandá-lo sair da sala de aula.					
	<input type="radio"/> Relembrar as regras ao aluno.					
	<input type="radio"/> Dar reforços positivos imediatos, quando as cumpre.					
	<input type="radio"/> Criticar o aluno, por não se saber comportar.					
	<input type="radio"/> Nada do que eu faça mudará a sua atitude.					
4	Quando o aluno com PHDA tem atitudes (verbais e físicas) menos corretas, devo:					
	<input type="radio"/> Repreendê-lo.					
	<input type="radio"/> Mandá-lo sair da sala de aula, com falta disciplinar.					
	<input type="radio"/> Explicar ao aluno as consequências dos seus atos.					
	<input type="radio"/> Relembrar as regras da sala de aula.					
	<input type="radio"/> Elogiar os comportamentos adequados, sempre que os tem, para desincentivar os menos adequados.					
	<input type="radio"/> Não faço nada. Ignoro as suas palavras e atitudes.					
5	Quando o aluno com PHDA mostra ter dificuldades em controlar o tempo na realização de tarefas, devo:					
	<input type="radio"/> Colocar o aluno com outro mais esperto para que este o incentive.					
	<input type="radio"/> Ensinar o aluno a manter-se focado e cumprir horários.					
	<input type="radio"/> Alternar atividades mais ativas com outras mais paradas.					
	<input type="radio"/> Adequar a extensão das fichas e testes.					
	<input type="radio"/> Não faço nada. Retiro-lhe a tarefa, mal acaba o tempo da aula.					
6	Quando o aluno com PHDA não sabe aplicar conhecimentos anteriormente adquiridos, devo:					
	<input type="radio"/> Irritar-me e dizer-lhe que deve estudar mais.					
	<input type="radio"/> Permitir que ele consulte os apontamentos sobre a matéria.					
	<input type="radio"/> Utilizar estratégias de memória e mnemónicas para o ajudar a não esquecer.					
	<input type="radio"/> Chamar mais vezes o aluno ao quadro ou interrogá-lo oralmente, para ele não esquecer a matéria.					
	<input type="radio"/> Ignorar o aluno e faço a pergunta a outro.					
	<input type="radio"/> Ensinar o aluno de que deve usar um caderno para tirar apontamentos e usar palavras-chave para mais fácil memorização.					
	<input type="radio"/> Nada do que eu possa fazer poderá melhorar a sua situação.					

7	Quando o aluno com PHDA faz os trabalhos/ tarefas muito depressa e de forma descuidada, devo:	1	2	3	4	5
	o Dar-lhe uma tarefa diferente, para o estimular.					
	o Repreendê-lo, porque não tem emenda. É um trapalhão.					
	o Optar por sentá-lo ao lado de um colega que o incentive.					
	o Monitorizar o aluno, para o controlar e verificar a qualidade do seu trabalho.					
	o Não faço nada.					
8	Quando o aluno com PHDA parece não ouvir o que lhe está a ser dito, devo:	1	2	3	4	5
	o Repreendê-lo.					
	o Ser compreensiva/o e repetir a matéria.					
	o Sentá-lo mais à frente.					
	o Falar num tom de voz mais elevado.					
	o Entregar-lhe por escrito tudo o que é dito na aula, para que ele acompanhe a matéria e não se distraia.					
	o Deslocar-me mais pela sala de aula para manter a visibilidade.					
	o Ignoro-o.					
9	Quando o aluno com PHDA não traz o material escolar e o manual, alegando que os perdeu, devo:	1	2	3	4	5
	o Ser compreensiva/o e deixá-lo juntar-se a um colega.					
	o Repreendê-lo e marcar-lhe falta de material.					
	o Pedir aos colegas da turma para lhe emprestarem o material em falta.					
	o Nenhuma atitude que eu possa ter mudará as suas atitudes.					
10	O aluno hiperativo deveria frequentar apenas as aulas de Educação Especial.					
11	Todos os professores deveriam ter formação para estarem preparados para lidar com esta problemática.					
12	A integração do aluno com PHDA em turmas do ensino regular melhora os seus comportamentos académicos.					
13	A integração do aluno com PHDA é benéfica sob o ponto de vista de socialização.					
14	Os alunos com PHDA deviam tomar medicação para melhorarem os seus comportamentos.					

Agradecimentos:

Professora Doutora Cristina Gonçalves (pela orientação e supervisão científica e revisão do manuscrito), António Miguel Rosado Rodrigues (pela revisão do manuscrito), Catarina Gonçalves Coelho (pela revisão do manuscrito).

Referências

- Pinho A, Mendes L, Pereira, M. *Perturbação Hiperactiva com Défice de Atenção - Um problema negligenciado* [Internet]. [citado 2013 Jun 22]. Acessível em: <http://www.profala.com/arthiper9.htm>.
- Germanò E, Gagliano A Md, Curatolo P. Comorbidity of ADHD and Dyslexia. *Dev Neuropsychol* 2010; 35:475-93. doi: 10.1080/875656412010494748.
- Antunes NL. *Mal-entendidos: da Hiperactividade à Síndrome de Asperger, da Dislexia às Perturbações do Sono. As respostas que procura*. 5ª. ed. Lisboa: Verso de Kapa; 2011.
- DSM-IV-TR. *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais. 4ª. Edição*. American Psychiatric Association [Internet]. [citado 2013 Jun 22]. Acessível em: http://www.psicologia.pt/instrumentos/dsm_cid/dsm.php.
- Moura O. Avaliação Psicológica de Crianças Hiperactivas com Défice de Atenção. *Diversidades* 2008; 21: 4-9.
- Coelho L, Chaves E, Vasconcelos ES, Fonteles M, De Sousa F, Viana, G. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) - Aspectos Neurobiológicos, Diagnóstico e Conduta Terapêutica [Internet]. *Acta Med Port* 2010; 23: 689-696. Acessível em: <http://www.actamedicaportuguesa.com/pdf/2010-23/4/689-696.pdf>.
- Kutscher ML. *Crianças com Síndromes Simultâneas – Um guia essencial para pais, professores e outros profissionais*. 1ª.ed. Porto: Porto Editora; 2011.
- Nielsen LB. *Necessidades Educativas Especiais na sala de aula- Um guia para professores*. 1ª.ed. Porto: Porto Editora; 1997.
- Selikowitz M. *Défice de Atenção e Hiperactividade*. 1ª. ed. Alfragide: Texto Editores. 2010.
- Dowdy C, Patton J, Smith T & Polloway E. *Attention Deficit/ Hyperactivity Disorder in the Classroom. A practical Guide for Teachers*. 1st ed. Austin-Texas: Pro-Ed; 1998.
- Gomes A, Ambrósio A. Estratégias para a PHDA em Contexto Escolar. *Diversidades* 2008; 21: 29-32.
- Parker HC. *Desordem por défice de Atenção e Hiperatividade-Um Guia para Pais, Educadores e Professores*. 1ª. ed. Porto: Porto Editora; 2003.
- Rodrigues A. Intervenção Multimodal na Perturbação de Hiperactividade e Défice de Atenção. *Diversidades* 2008; 21: 9-18.
- Costa MH, Paixão MF. Investigar na e sobre a acção através de diários de formação. Procura e compreensão de processos de mudança na prática pedagógica. Em: Pereira A, Santiago R e Oliveira L, editores. *Investigação em Educação-Abordagens conceptuais e práticas*. 1ª. ed. Porto: Porto Editora; 2004.
- Vásquez I. Hiperactividade: Avaliação e Tratamento. Em Bautista R, editor. *Necessidades Educativas Especiais*. 1ª. ed. Lisboa: Dinalivro; 1997; 159-184.
- Rodrigues CS. *Conhecimentos dos professores do ensino regular*

- sobre a Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção [Dissertação de Mestrado]. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus; 2013.
17. Almeida L, Freire T. *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 4ª. ed. Braga: Psiquilíbrios; 2007.
18. Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação na área das Necessidades Educativas Especiais [Internet]. [citado em 2013 Jun 22]. Acessível em: http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl_9.pdf.
19. Decreto-Lei nº. 3/2008 de 7 de janeiro. *Diário da República nº 4/2008 – I Série*. Ministério da Educação. Lisboa.
20. Rodrigues D. *Perspectivas sobre a Inclusão-Da Educação à Sociedade*. 1ª. ed. Porto: Porto Editora; 2003.